**A vocação de Gide (1929) [[1]](#footnote-1)\***

Talvez esteja na hora de revisar o procedimento que nós cultivamos ao observar por ocasião de jubileus de pessoas vivas e de concebê-lo de forma um pouco mais razoável. Tempo de ativar algumas reflexões substanciais ao invés daquelas "celebrações" nas quais somente o crítico dá importância a si mesmo. Não faria sentido nestas datas, quando devem ser notadas, pensar na infância do homenageado, na sua proveniência, suas primeiras brincadeiras e primeiros escritos, colecionar os documentos de seus primeiros anos, apreendê-lo ali onde ele aparece encantador, desconhecido e, ao mesmo tempo, importante? Em contrapartida, para alguns dentre aqueles homenageados – os maiores –, daria para pensar na exposição de sua influência, seus intuitos ou efeitos educacionais. Entretanto, o raro feliz acaso que nos possibilita aquilo que planejamos adiante para celebrar, em novembro, o 60º aniversário de André Gide, é o seguinte: assim como os traços de sua obra já estão anunciados nos pensamentos e experiências da mais remota juventude, ainda se mostra a fidelidade às inspirações e destinos de sua juventude na obra mais madura do poeta. Tal é o caso de Gide, isso se fundamenta no fato de que o mundo intelectual deste homem concentra-se, em miniatura infinitamente precisa, na figura de sua vocação. Como esta vocação torna-se perceptível na infância remota, como ela não cessa de acompanhá-lo na juventude e na vida adulta, nem sempre sendo um grande e patético imperativo, mas frequentemente como a perigosa voz vagante do espírito da montanha que o chamou vindo de maciços montanhosos labirínticos. Como seus escritos em toda sua perfeição nunca foram para ele uma propriedade, mas sim um fardo que ele descarregou para aumentar sua constante disposição, é isso que, os seguintes trechos retirados das mais variadas obras querem mostrar de maneira tão impressionante, que eles permaneçam na memória dos senhores como um texto unitário. De resto, os senhores perceberão nas passagens seguintes uma eminente sobriedade, que quase diria, cautela. Gide desenvolve em seus escritos propriamente apenas uma coisa: a linha. E precisamente a linha visível, tão bem quanto a linha tátil. O que é raro em sua arte é que ela atinge a mais alta concreção sensível sem levar consigo a plenitude do que é sensivelmente palatável, excitante. Daí a nobreza de seus escritos, pela qual ele dificilmente pode ser comparado com um dos autores vivos. A linguagem dos fragmentos que se seguem corresponde às linhas clássicas da paisagem na qual o falante Menalque[[2]](#footnote-2) é pensado. Em um jardim sobre uma colina próxima a Florença, em frente a Fiesole, ele fala aos seus amigos. O drama espiritual que desenrola diante deles, veremos posteriormente desenvolver-se em uma paisagem palestina.

“Vivia na perpétua espera, deliciosa, de um futuro qualquer. Ensinei a mim mesmo, como perguntas ante respostas à espera, que a sede de gozá-la, nascida em face de cada fonte me revelava uma sede, e que, no deserto sem água, onde a sede é insaciável, ainda preferisse o fervor de minha febre sob a exaltação do sol. Havia, à noite, oásis maravilhosos, mais frescos ainda por terem sido desejados durante o dia todo. Sôbre a vastidão arenosa, acabrunhada ao sol e como um imenso sono – mas a tal ponto era grande o calor, e na própria vibração do ar – senti ainda a palpitação da vida, que não poderia adormecer, tremer de delíquio no horizonte, inchar de amor a meus pés.

Cada dia, de hora em hora, nada mais buscava senão a penetração cada vez mais simples da natureza. Possuía o dom precioso de não ser por demais entravado por mim mesmo. [...] Minha alma era o albergue aberto na encruzilhada; o que quisesse entrar, entrava. Fiz-me dútil, amigàvelmente disponível por todos os meus sentidos, de ouvido atento a ponto de não ter mais *um* só pensamento pessoal, captador de tôda emoção de passagem, e com reação tão mínima que nada mais considera mal, de preferência a protestar contra o que quer que fosse. Demais, observei muito breve em quão pouco ódio ao feio se alicerçava meu amor ao belo. [...]

Houve um tempo em que minha alegria se tornou tão grande que a quis comunicar, ensinar a alguém o que dentro de mim a fazia viver.

Ao cair da tarde, contemplava os lares, dispersos durante o dia, se reconstituírem em aldeias desconhecidas. O pai voltava, cansado do trabalho; as crianças retornavam da escola. A porta da casa entreabria-se um instante numa acolhida da luz, de calor e risos, e fechava-se depois para a noite. Nada mais das coisas vagabundas, do vento tremendo fora podia entrar. – Família, eu vos odeio! Lares fechados; portas cerradas; posses ciumentas da felicidade. – Invisível à noite, debrucei-me por vêzes a uma janela, e fiquei durante muito tempo a olhar os hábitos da casa. O pai ali estava, perto da lâmpada; a mãe costurava; o lugar do avô permanecia vago; um menino perto do pai estudava; e meu coração encheu-se de desejo de levá-lo comigo pela estrada.

Vi-o no dia seguinte ao sair da escola; falei-lhe no outro dia; quatro dias depois êle abandonou tudo para me seguir. Abri-lhe os olhos diante do esplendor da planície; êle compreendeu que se oferecia a êle. Ensinei depois sua alma a tornar-se mais vagabunda, alegre enfim – e depois a desprender-se até de mim, a conhecer sua solidão.” [[3]](#footnote-3)

Aqui fazemos uma pausa. A partir deste ponto – a obra *Norritures terrestres*, da qual este trecho foi extraído, foi publicada em 1897 – nasceu, dez anos mais tarde, o escrito mais famoso de Gide: *A volta do filho pródigo*. Dele leio a última das cinco seções que compõem o livro. São as conversas com o pai reconciliado, o inflexível irmão mais velho e a mãe cheia de misericórdia. [Lemos] aqui a última conversa com o irmão mais novo, na tradução de Rilke, publicada na editora *Insel*. Tivemos, aliás, a sorte de também ter ou de esperar os outros escritos de Gide em traduções felizes e de rara confiabilidade para o alemão. A obra completa, que foi empreendida pela *Deutschen Verlagsanstalt*, da qual foram extraídos todos trechos posteriores, está nas distintas mãos de Ferdinand Hardekopf [[4]](#footnote-4).

“Ao lado de seu quarto há outro, também amplo e de paredes nuas. O pródigo, uma candeia à mão, por ele entra até o leito onde repousa o irmão mais novo, rosto voltado em direção à parede. Começa a falar em voz baixa para, se é que ele dorme, não lhe perturbar o sono.

- Meu irmão, quero falar-lhe.

- Pois fale, quem o impede?

- Pensei que você estava dormindo.

- Não é preciso dormir para sonhar.

- Ah! Estava sonhando; com quê?

- Não importa! Se eu próprio já não compreendo meus sonhos, não há de ser você agora quem me vai explicá-los.

- Serão tão sutis assim? Mas, me contando, talvez pudesse tentar.

- Você, por acaso, poderia escolher seus sonhos? Olha que os meus são como querem ser, mais livres do que eu ... Que foi que veio fazer aqui? Por que perturbou meu sono?

- Você não estava dormindo, e vim falar-lhe com carinho.

- Que tem a dizer?

- Nada, se o toma nesse tom.

- Então, adeus.

O pródigo sai em direção à porta, mas apóia no chão a candeia que alumia debilmente o quarto, e, voltando, senta-se à beira da cama e afaga longamente, no escuro, a fronte do irmão, que está voltada contra ele.

O irmão rebelde ergueu-se de repente.

- Diga: foi o irmão quem o mandou?

- Não, menino; não foi ele, foi nossa mãe.

- Ah! Você não teria vindo por si mesmo.

- No entanto, eu venho como amigo.

Semi-erguido no leito, o menino encara fixamente o pródigo.

- Como um dos meus poderia ser meu amigo?

- Você se engana quanto a nosso irmão ...

- Não me fale dele! Odeio-o! ... Meu coração inteiro se impacienta contra ele. Por causa dele foi que lhe respondi asperamente.

- Como assim?

- Você não compreenderia.

- Fale, mesmo assim ...

O pródigo aperta-o contra o peito e o irmão adolescente deixa abrir seu coração:

- Na noite em que você voltou, não consegui dormir. Fiquei o tempo todo pensando: Tinha outro irmão, e não sabia ... Foi por isso que meu coração bateu mais forte, quando o vi avançar pelo pátio da casa, todo coberto de glória.

- Santo Deus! Eu vinha então coberto de andrajos.

- Sim, eu o vi, e o achei glorioso. E vi também o que fez o pai: pôs em seu dedo um anel, um anel que nem mesmo nosso irmão tem igual. Não quis perguntar nada a ninguém a seu respeito: sabia apenas que você vinha de muito longe, e seu olhar, à mesa ...

- Então você estava no festim?

- Oh! Bem sei que não me reparou; durante o tempo todo do banquete olhava para longe, sem ver nada. Que fosse, na segunda noite, falar com o pai, ainda compreendo, mas que na terceira ...

- Termine.

- Ah! Ao menos uma palavra de carinho bem me poderia ter dito!

- Você me esperava então?

- E como! Acha que eu odiaria assim nosso irmão se você não tivesse ido falar com ele e demorasse tanto aquela noite? Que poderiam dizer? Se você se parece comigo, bem sabe que nada tem em comum com ele.

- Cometi graves faltas contra nosso irmão.

- Será possível?

- Pelo menos para nosso pai e nossa mãe. Você sabe que eu fugi de casa.

- Bem sei. Isto foi há muito tempo, não?

- Mais ou menos quando tinha sua idade.

- Ah! ... É isso que você chama de erros?

- Sim, este foi meu erro, meu pecado.

- Quando você partiu, achou que procedia mal?

- Não; sentia-me como na obrigação de partir.

- Que aconteceu depois, para que sua verdade de então se transformasse em erro?

- Sofri muito.

- E é isto que o faz dizer: estava errado?

- Não, não é bem isso: foi isto que me fez refletir.

- Então não havia refletido antes?

- Havia, mas a debilidade de minha razão se deixava impor por meus desejos.

- Como mais tarde pelo sofrimento. De sorte que, hoje então, você volta ... vencido?

- Não é bem assim: resignado.

- Ou seja, renunciou a ser como queria.

- Que meu orgulho me persuadiu a ser.

O menino permanece um instante em silêncio, depois de súbito soluça e exclama:

- Irmão! Eu sou igual a você quando partiu. Oh! Diga-me: só encontrou decepções pelo caminho? Tudo o que pressinto existir lá fora, diferente daqui, não passa de miragem? Tudo o que sinto em mim de novo não é mais que fantasia? Fale: que havia de desesperador em seu caminho? Oh! Que foi que o fez regressar?

- Perdi a liberdade que buscava; cativo, fui obrigado a servir.

- Aqui eu me sinto cativo.

- Sim, mas tive que servir a maus senhores; aqui, pelo menos, servimos nossos pais.

- Ah! Servir por servir, não se tem pelo menos a liberdade de escolher a servidão?

- Eu achava que sim. Tão longe quanto puderam ir meus pés, como Saul a buscar jumentas, andei a perseguir o meu desejo; mas, onde esperava um reino, só encontrei miséria. Contudo ...

- Não se enganou de caminho?

- Fui caminhando sempre em frente.

- Tem certeza? Todavia, há outros reinos, ainda, e terras sem rei, a serem descobertas.

- Quem lhe disse?

- Eu sei. Pressinto. Parece até que já as conquistei.

- Orgulhoso!

- Ah! Ah! Foi isso o que nosso irmão lhe disse. Por que me vem agora repeti-lo? Por que não conservou esse orgulho? Decerto não teria regressado.

- E assim não o teria conhecido.

- Teria, sim; lá, onde iria a seu encontro, decerto me reconheceria como irmão; mesmo agora, parece-me que é para encontrá-lo que eu sigo.

- Segue?

- Não percebeu? Não me encoraja igualmente a partir?

- Quisera poupar-lhe o retorno, dissuadindo-o da partida.

- Não, não, não me diga isto; não é isto que me quer dizer. Foi como um conquistador que você também partiu.

- E foi isso que me fez sentir ainda mais a servidão.

- Então, para que submeter-se? Já estava assim tão fatigado?

- Não, ainda não; mas tive dúvidas.

- Que quer dizer?

- Duvidava de tudo, de mim mesmo; quis parar, fixar-me enfim em qualquer parte; o conforto que esse patrão me prometia acabou tentando-me ... sim, sinto-o perfeitamente agora: fracassei.

O pródigo inclina a cabeça e oculta os olhos com a mão.

- Mas, e a princípio?

- Caminhei por muito tempo pela imensa terra inóspita.

- O deserto?

- Nem sempre era deserto.

- E que buscava?

- Eu próprio não sei bem.

- Levante-se da cama. Olhe o que está ali na mesa-de-cabeceira, junto a esse livro em frangalhos.

- Uma romã partida.

- Foi o tratador de porcos que a trouxe numa tarde, depois de passar três dias fora.

- Sim, é uma romã silvestre.

- Bem sei; é de uma acidez quase insuportável; sinto, no entanto, que a morderia, se estivesse com bastante sede.

- Ah! Agora eu lhe posso dizer: foi essa sede que eu buscava no deserto.

- Uma sede que só este fruto amargo consegue aplacar ...

- Não: mas nos faz amar essa sede.

- Sabe onde colhê-lo?

- Num pequeno pomar abandonado, aonde se chega quase ao anoitecer. Já nenhum muro o separa do deserto. Ali corria um regato; alguns frutos, quase maduros, pendiam das ramagens.

- Que frutos?

- Os mesmos de nosso pomar, porém silvestres. Fizera calor o dia inteiro.

- Ouça; sabe por que o esperava esta noite? É que partirei esta noite. Hoje, de madrugada, ao clarear ... Estou disposto a tudo e já tenho as sandálias calçadas.

- Como! Pensa em fazer o que eu não consegui? ...

- Você me abriu o caminho, e me sustentarei de pensar em você.

- E eu em admirá-lo; mas trate de esquecer-me, em vez disso. Que vai levar daqui?

- Bem sabe que, sendo o último, não tenho direito à partilha. Vou sem levar nada.

- É melhor.

- Que está olhando pela janela?

- O horto onde repousam nossos mortos.

- Irmão ... (e o menino, erguendo-se do leito, passa o braço em torno do pescoço do pródigo, num gesto que se faz tão doce quanto sua voz) – Venha comigo.

- Deixe-me! Deixe-me! Ficarei para consolar nossa mãe. Sem mim, você será mais corajoso. A hora está chegando. O céu empalidece. Parta sem ruído. Vamos! Abrace-me, meu caro irmão, você leva todas as minhas esperanças. Tenha força: esqueça-nos: esqueça-me. Que você possa nunca mais voltar ... Saia sem ruído. Eu seguro a candeia ...

- Ah! Dê-me a mão até a porta.

- Cuidado com os degraus do patamar ...” [[5]](#footnote-5)

Quando retomamos então o trecho interrompido há pouco, podemos entender completamente quais são os desejos com os quais o Gide de quarenta anos de idade acompanha este irmão mais novo em seu caminho. É como se ele falasse, em seu nome, desta peregrinação na qual se realizou, o que o irmão perdido, em vão, procurara.

“Sòzinho, saboreei a alegria violenta do orgulho. Gostava de levantar-me antes da alvorada; chamava o sol por cima das choças; o canto da cotovia era minha fantasia e o orvalho minha loção da aurora. Comprazia-me com exageradas frugalidades, tão pouco comendo que minha cabeça se fazia leve e tôda sensação se me tornava uma espécie de embriaguez. Muitos vinhos bebi depois, mas nenhum me dava, bem o sei, êsse aturdimento do jejum, essa vacilação da planície na madrugada, antes que, em chegando o sol, eu dormisse no fundo de um monte de feno.

O pão que levava comigo, guardava-o por vêzes até o semi desfalecimento; parecia-me então sentir menos estranhamente a natureza e que ela me penetrava melhor; era um afluxo de fora; com todos os meus sentidos abertos acolhia-lhe a presença; tudo em mim a isso o convidava.

Minha alma enchia-se enfim de lirismo, que minha solidão exasperava e que me afadigava à tarde. Sustentava-me por orgulho, mas lamentava então a ausência de Hilaire que no ano anterior me desviava de tudo o que meu humor tinha de demasiado selvagem.

Com êle falava, ao chegar à tarde. Êle próprio era poeta, compreendia tôdas as harmonias. Cada efeito natural se nos tornava como uma linguagem aberta em que se lhe podia ler a causa; aprendíamos a conhecer os insetos pelo vôo, os pássaros pelo canto, e a beleza das mulheres pelas marcas dos pés na areia. [...] Aspirando tudo com delícia, em vão procurávamos cansar nossos desejos; cada um de nossos pensamentos era um fervor [...][[6]](#footnote-6).

Paramos aqui, porque aqui adicionamos a notável frase de Gide que diz: “A melancolia não é senão um fervor que descaiu”[[7]](#footnote-7). Esta frase evoca a lembrança da mais surpreendente personagem que avança no palco no momento da peripécia do drama existencial de Gide. É Satã que aparece em frente dele de súbito com a voz do anjo da vocação. Satã certamente de modo algum como o tentador da carne, mas como príncipe da tristeza, como o belo demônio que olha profundamente na alma segredando as três grandes promessas enganosas: a liberdade ilimitada, a profundeza ilimitada, a espiritualidade ilimitada. Ele sustenta na existência de Gide os traços de Oscar Wilde. Reiteradamente, da sua bela contribuição em *In memoriam Oscar Wilde*, depois em *Pretextes* e finalmente ainda na autobiografia *Se o grão não morre*, Gide procurou apanhar este instante decisivo da sua vida, a aparição de Oscar Wilde. Sem que o nome apareça, é sem dúvida também Wilde o parceiro do diálogo seguinte, que nós retomamos do *Diário dos moedeiros falsos*.

“- Mas agora que estamos sozinhos, diga-me, por favor, de onde vem essa estranha necessidade de acreditar que há perigo ou pecado em tudo aquilo que você vai empreender?

- Pouco importa; o importante é que isso não me retenha.

- Durante muito tempo achei que era apenas um resto de sua educação puritana; mas agora comecei a achar que é preciso ver nisso um não sei o quê de byronismo ... Oh! Não proteste: sei que você tem horror ao romantismo: pelo menos você o diz; mas você tem amor pelo drama ...

- Tenho amor pela vida. Se busco o perigo, é com a confiança, a certeza de que irei triunfar. Quanto ao pecado ... o que me atrai nele ... oh! Não creia que é esse refinamento que fazia a italiana dizer sobre o sorvete que degustava: ‘*Pecatto che non sai um peccato*’. Não, talvez seja antes o desprezo, a raiva, o horror de tudo aquilo que eu chamava de virtude em minha juventude; é também que ... como dizer-lhe ... não faz muito tempo que compreendi ... é que tenho o diabo no meu jogo.

- Nunca pude entender, confesso-lhe, o interesse que havia em acreditar no pecado, no inferno ou em diabruras.

- Permita; permita; mas eu também não, não acredito nele, no diabo; somente, e aí está o que me dilacera, enquanto não se pode servir a Deus senão acreditando n’Ele, o diabo não tem necessidade que se acredite nele para servi-lo. Ao contrário, nunca o servimos tão bem quanto ignorando-o. Ele tem sempre interesse em não se deixar conhecer; e é isso, já lhe disse, que me dilacera: é pensar que, quanto menos acredito nele, mais eu o reforço.

Dilacera-me, compreenda-me bem, pensar que é precisamente isso que ele deseja: que não se creia nele. Ele sabe bem como fazer, vá, para insinuar-se em nossos corações, onde só pode entrar se de início não for percebido.

Refleti muito sobre isso, garanto-lhe. Evidentemente, e apesar de tudo que acabei de dizer, em perfeita sinceridade, não acredito no demônio. Tomo tudo que diz respeito a isso como uma simplificação pueril e explicação aparente de certos problemas psicológicos – aos quais repugna minha mente dar outras soluções senão as perfeitamente naturais, científicas, racionais. Mas, de novo, o próprio diabo não falaria de outro modo; ele está exultante; sabe como atrás dessas explicações racionais, que o relegam ao rol das hipóteses gratuitas. Satã ou a hipótese gratuita; isso deve ser seu pseudônimo preferido. Pois bem, apesar de tudo o que lhe digo a respeito, apesar de tudo o que penso e que não lhe digo, uma coisa é certa: a partir do instante em que admito sua existência, - e isso me acontece apesar de tudo, ainda que fosse por um instante, às vezes – desde esse instante, parece-me que tudo fica claro, que compreendo tudo; parece-me que, de repente, descubro a explicação de minha vida, de todo o inexplicável, de todo o incompreensível, de toda a sombra de minha vida. Gostaria de escrever um dia uma ... oh! Não sei como dizer – isso se apresenta à minha mente sob uma forma de diálogo, mas haveria algo mais ... enfim, isso talvez se chamasse: “Conversa com o diabo” – e você sabe como começaria? Encontrei a primeira frase; a primeira a pôr em sua boca, entenda; mas para encontrar essa frase é preciso já conhecê-lo muito bem ... eu o faria dizer no início: - *Por que me temerias? Sabes bem que eu não existo*. Sim, creio que é isso. Isso resume tudo: é dessa crença na não existência do diabo que ... Mas fale um pouco: preciso que me interrompam.

- Não sei o que lhe dizer. Você está me falando de coisas nas quais percebo nunca ter pensado. Mas não posso esquecer que muitas mentes, que considero como grandes, acreditam na existência do diabo, em seu papel – e até atribuindo-lhe a melhor parte. Você sabe o que dizia Goethe? Que o poder de um homem e sua força de predestinação eram reconhecíveis por aquilo que carregassem em si de demoníaco.

- Sim, já me falaram dessa frase; você deveria reencontrá-la para mim.”[[8]](#footnote-8)

Wilde amava definir-se como um grego póstumo. O distinto comentador de Gide Du Bos disse: “Gide é um grego póstumo em um sentido muito diferente daquele de Wilde. O helenismo de Gide nasce na estufa de Argel (em Argel ocorreram os encontros decisivos com Wilde), seu helenismo é produto de uma cultura extremamente intensa”. Entretanto, não se pode desconhecer um duplo efeito na atividade artística e no gênio pedagógico do humano. Há artistas, de quem a todo instante esquecemos, que nas suas obras estamos lidando com a arte. E não é necessário que entre em jogo aqui nenhuma ilusão. Podemos ler *Os Demônios* de Dostoievski e ter a consciência de que nos aprofundamos em um romance. Ainda assim, não nos ocorre que ele o teria escrito como artista. Trata-se antes disso: Dostoievski o escreveu, e para nós ele é arte. No caso de Gide, ao contrário, não há nenhuma linha da qual não tenhamos o sentimento imperativo de que ele escreveu como artista. Daí, se podemos dizer assim, o particular charme grego. Pois esta aura incolor, sem luz e sem calor no seu jogo de formas mais inexprimível e que arde em volta da obra de arte é de tipo grego. Grego também, como dissemos, é a atitude fundamentalmente pedagógica de seu espírito. Como sempre, para ele, toda propriedade interna e externa era boa apenas para desfazer-se dela, assim ele inculca tal atitude também aos jovens, e seja aquilo do que fogem, o próprio Gide. Isso não significa que os melhores deles não o tenham cortejado. Quando os surrealistas fundaram sua primeira revista “*Littérature*”, chamaram apenas Gide dentre todos os expoentes da geração mais velha. E ele não pode dar-lhes nada melhor do que sua rigorosa e descompromissada modelagem da sua experiência juvenil. Ele o realizou no seu último grande romance “Os moedeiros falsos”. O capítulo sobre “Bernardo e o anjo”, em nosso contexto, é o que melhor representaria esta obra. Nós queremos, entretanto, como conclusão, retornar, como o próprio Gide o fez há alguns anos, à sua juventude. Certamente, o grande poeta André Gide mostrou-se como o grande homem, muito mais tarde, ao menos ele se tornou perceptível a si mesmo muito tarde. Em lugar nenhum, ele aparece em sua grande obra autobiográfica como um garoto prodígio. Mas é magnífico como ele, em muitas passagens, e mais notadamente nas que se seguem, fixou na memória as chamadas decisivas, que ressoam em toda infância, na decisão de segui-las e apenas por isso.

“Eu já estava deitado, mas um rumor singular, um frêmito de alto a baixo, pela casa, unidos a ondas harmoniosas, me impediam o sono. Sem dúvida, durante o dia, eu observara os preparativos. Sem dúvida me teriam dito que haveria um baile nessa noite. Mas um baile, sabia eu o que era isso? Não lhe tinha dado importância e deitara-me como nas outras noites. Mas agora havia aquele rumor ... Presto atenção; procuro surpreender algum ruído mais distinto, compreender o que se passa. Apuro o ouvido. Por fim, não podendo mais, levanto-me, saio do quarto, avanço às apalpadelas pelo corredor escuro e, descalço, alcanço a escada cheia de luz. Meu quarto é no terceiro andar. As ondas de som sobem do primeiro; é preciso ir ver; e à medida que, de degrau em degrau, me aproximo, distingo ruídos de vozes, frufru de fazendas, cochichos e risos. Nada apresenta o ar costumeiro; parece-me que de repente vou ser iniciado numa outra vida, misteriosa, diferentemente real, mais brilhante e mais patética, e que somente começa quando as crianças pequenas estão deitadas. Os corredores do segundo andar, todos cheios de noite, estão desertos; a festa é embaixo. Continuo a descer? Vão ver-me. Vão castigar-me por não estar dormindo, por ter visto. Enfio a cabeça entre os gradis da rampa. Precisamente quando chegam os convidados, um militar uniformizado, uma senhora cheia de fitas, sedas, com um leque na mão, o criado, meu amigo Victor, que a princípio não reconheço por causa dos calções e das meias brancas, posta-se diante da porta aberta do primeiro salão para anunciá-los. De súbito alguém salta para mim: é Marie, minha ama que, como eu, procurava ver, escondida um pouco mais abaixo no primeiro ângulo da escada. Ela me toma nos braços; de início penso que vai levar-me de volta para o meu quarto; mas não, ao contrário, ela quer descer-me para o lugar onde estava, de onde o olhara apanha uma nesga da festa. Agora ouço perfeitamente bem a música. Ao som dos instrumentos que não posso ver, cavalheiros giram senhoras ataviadas e todas são mais belas que comummente. A música cessa; os dançarinos param; e o ruído das vozes substitui o dos instrumentos. Minha ama vai reconduzir-me ao quarto; mas nesse momento uma das belas senhoras, que estava em pé, apoiada junto à porta se abanando, enxerga-me. Ela corre para mim, beija-me e ri porque eu não a reconhecia. É evidentemente aquela amiga de mamãe, que vi hoje de manhã; mas assim mesmo não estou certo de que seja mesmo ela, realmente ela. E quando me reencontro na minha cama, tenho as ideias embaralhadas e penso, confusamente, antes de mergulhar no sono: existe a realidade e existem sonhos; e depois existe *uma segunda realidade*”.[[9]](#footnote-9)

Há uma palavra de Sainte-Beauve que é como uma profecia metafórica a André Gide. Ele falou certa vez da *inteligence* *glaive* e da *inteligence* *mirroir*, a prudência da espada e a do espelho. Gide mostra ambas em sua unidade perfeita. O Eu é a sua espada e seu escudo é tão brilhante que sobre ele aparece o mundo inteiro, como naquele de Aquiles.

1. \* Programa de rádio Gides Berufung. In: G.S. VII-1, p.257-269. Tradução de Pedro Hussak van Velthen e Carla Milani Damião. Seleção dos textos de Gide em traduções dos textos de Gide para o português, citados por Benjamin, de Carla M. Damião. [↑](#footnote-ref-1)
2. N.T.: Personagem do livro de Gide, *O imoralista* (*L’immoraliste)* de 1902. [↑](#footnote-ref-2)
3. N.T.: Walter Benjamin cita o trecho de Gide em tradução própria (Cf. G.S. VII-2, p. 625). Nem sempre assim o faz, recorrendo a traduções já existentes em alemão. Nesses trechos, utilizamos traduções brasileiras das obras de Gide. Os trechos citados nesta passagem são da obra *Os frutos da terra*, traduzida por Sérgio Milliet, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1961, páginas 49-50. No original não há a indicação de ruptura do texto, o que na presente tradução foi indicada pela utilização de colchetes. Mantivemos a acentuação em português da época da tradução de Milliet. [↑](#footnote-ref-3)
4. N.T.: As traduções utilizadas por Benjamin de Ferdinand Hardekopf são: *Tagebuch der Falschmünzer*, Berlin, Leipzig, 1929, p.90-93; e *André Gide, Stirb und Werde*, Berlin, Leipzig, 1930, p. 28-30. [↑](#footnote-ref-4)
5. N.T.: A tradução utilizada por Benjamin da obra *A volta do filho pródigo* é de Rainer Maria Rilke, Leipzig, 1914, p. 30-38. Utilizamos a tradução brasileira de Ivo Barroso. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984, p. 165-172. [↑](#footnote-ref-5)
6. N.T.: A tradução de *Os frutos da terra* é de Benjamin. Utilizamos a tradução de Sérgio Milliet, p.50-51. [↑](#footnote-ref-6)
7. N.T.: Segundo a tradução de Sérgio Milliet de *Os frutos da terra*, p.18. [↑](#footnote-ref-7)
8. N.T.: André Gide, “Identificação do demônio”. In: Apêndice ao *Diário dos Moedeiros falsos*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo, Estação Liberdade, 2009, p. 135-139. [↑](#footnote-ref-8)
9. N.T.: Benjamin cita a tradução de Ferdinand Hardekopf. Utilizamos a seguinte publicação e tradução como referência: André Gide. *Se o grão não morre*. Tradução de Hamilcar de Garcia. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982, p. 20-22. [↑](#footnote-ref-9)